

POLÍTICA ECONÔMICA

Henrique Meirelles prevê PIB 4% maior neste ano

KARLA CORREIA

BRASÍLIA

O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, endossou o otimismo do governo em ano eleitoral ao prever, ontem, crescimento de 4% no Produto Interno Bruto (PIB) este ano, durante audiência pública na Comissão de Finanças e Tributação da Câmara. Ele falou na possibilidade de crescimento de 3% para 2005, às vésperas da divulgação, pelo IBGE, do desempenho do PIB no ano passado. Resultado que o próprio Banco Central rebaixou de 3,4% para 2,6%, em vista do recuo de 1,2% do PIB verificado no terceiro trimestre de 2005.

Em cerca de 2h30 de audiência, Meirelles defendeu o regime de metas para a inflação adotado pelo Banco Central diante das cobranças dos deputados em relação à lenta queda da taxa básica de juros – a Selic – e do uso desse recurso como instrumento de controle inflacionário. A principal crítica colocada pelos congressistas foi o baixo crescimento da economia brasileira face aos resultados superiores obtidos por países emergentes no cenário mundial, como a China e o Chile.

O presidente do BC disse que, sozinho, o controle da inflação não é suficiente para garantir o crescimento da economia. Além disso, ponderou Meirelles, é preciso criar condições para aumentar o investimento no País, reduzir a dívida pública e estabelecer um ambiente de maior previsibilidade econômica.

Isso passa pela manutenção, por vários anos seguidos, de baixas taxas de inflação. Em-

bora não seja suficiente para garantir o crescimento econômico, esse é um dos fatores de maior influência na redução do prêmio pago sobre o risco de investir no Brasil e, em consequência, na queda dos juros – disse o presidente do BC.

Diante da insistência das críticas, e da cobrança sobre a redução da Selic, hoje em 17,25% ao ano, Meirelles comentou que o crescimento brasileiro tem sido mais baixo do que a média dos emergentes há muitos anos – sem relação com a atual política de juros do BC, portanto. Segundo ele, o País

entrou em uma



H. Meirelles

rota de crescimento sustentável após a adoção do regime de metas e se aproximará do patamar observado nos outros países nos próximos anos, caso a condução da economia se mantenha nas atuais condições.

Entre setembro de 2004 e maio de 2005, quando se inicia a curva descendente da Selic, o Banco Central aumentou nove vezes consecutivas a taxa básica de juros para manter a inflação dentro da meta estipulada em 4,5% ao ano, com margem de tolerância de dois pontos percentuais para cima ou para baixo. “O que nós temos que fazer é continuar com uma política fiscal e monetária séria, para que a trajetória de inflação continue convergindo para a meta”, reforçou Meirelles. Ele rejeitou a hipótese de elevar a meta da inflação para permitir maior crescimento do PIB.